



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA

ROSÂNGELA MARTINS SARAIVA

MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ALTO PARAÍSO DE GOIÁS

2013

ROSÂNGELA MARTINS SARAIVA

MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à distância pela Faculdade de Educação – FE, da Universidade de Brasília – UnB/ Universidade Aberta do Brasil - UAB.
Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Lima Martins Pederiva.

ALTO PARAÍSO DE GOIÁS

2013

SARAIVA, Rosângela Martins. **Música na Educação Infantil**. Brasília-DF, Dezembro de 2013. Páginas 55. Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UNB/Universidade Aberta do Brasil - UAB.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia a Distância.

FE/ UnB-UAB

ROSÂNGELA MARTINS SARAIVA

MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à distância pela Faculdade de Educação – FE, da Universidade de Brasília – UnB/ Universidade Aberta do Brasil - UAB.
Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Lima Martins Pederiva.

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Patrícia Lima Martins Pederiva - Orientadora
(UnB/FE)

Tutora Andréia Pereira de Araújo Martinez
(UnB/FE)

Especialista Maria Luiza Dias Ramalho
(SEDF)

Profa. Msc. Maria Aparecida Camarano Martins - Suplente
(UnB/FE)

Aos meus amados filhos Hígor, Felipe e Emilly, razão do meu viver e da luta por essa conquista. A todas as crianças da Educação Infantil que me proporcionam novas conquistas e descobertas a cada dia.

AGRADECIMENTOS

A DEUS que é o autor e consumidor de todas as coisas que sempre renovou minhas forças quando parecia impossível.

À minha família pela compreensão e apoio nas horas de ausência em momentos importantes.

À minha mãe Maria da Penha que lutou bravamente para que eu tivesse a oportunidade de estudar, mesmo diante de tantas dificuldades.

À minha querida amiga e companheira de curso Ozelma Neres pelo incentivo e palavras sábias nos momentos difíceis.

A todas as minhas professoras e Tutoras da UnB que contribuíram para esse momento.

Às tutoras Edma e Marta do Polo de Alto Paraíso por fazer parte dessa conquista tão preciosa.

À escola Vila Verde por me oportunizar desenvolver um trabalho significativo, com total liberdade para trabalhar a expressão musical dos meus alunos.

Às professoras Patrícia e Andréia que me oportunizaram conhecer a música e no quanto ela é importante e presente em todos os momentos da minha vida, como pessoa e como educadora.

A MÚSICA EM MINHA VIDA

Rosângela Martins Saraiva.

Foi assim que tudo começou...

“Tia” Eleni, era o nome dela!

A primeira professora

Que cantando e dançando,

Despertou numa criança tímida e quieta,

O interesse e o prazer pela música.

Encantamento, satisfação, deslumbramento.

Uma verdadeira mistura de sentimentos.

Voz doce e suave permeando o coraçãozinho daquela menina,

Semente que foi plantada e rendeu bons frutos...

A menina cresceu e com ela o gosto pela música também,

Atividade que encanta e permeia a alma,

Não apenas para quem canta,

Mas principalmente, para quem houve:

“Cantar, cantar e cantar, a beleza de ser um eterno aprendiz”...

Como diria Gonzaguinha!

É cantando que me renovo a cada dia.

É na música que me reencontro quando me sinto perdida,

Que me alegro quando estou triste,

Que me renovo quando me sinto fraca,

E que acalento meus filhos e meus queridos alunos

Quando precisam ouvir uma melodia...

É com ela que me comunico

Nos momentos mais importantes da minha vida.

Que ultrapassa barreiras.

Entrelaça-se em todas as culturas.

Crença ou religião.

E alcança a todos de forma fascinante e intensa...

Vivo a música, viva a música!

Assim como o arquiteto utiliza-se do corpo humano para conceber as escalas de suas estruturas de vida cotidiana, a voz humana, em conexão com o ouvido, deve fornecer os referenciais para as discussões sobre o ambiente acústico saudável à vida (SCHAFER, 1991, p. 207).

RESUMO

O presente trabalho monográfico é fruto dos estudos realizados na disciplina de Fundamentos da Linguagem Musical na Educação, do Curso de Pedagogia pela UAB/UnB, momento em que passou a existir a necessidade de repensar o trabalho educativo com a música em relação às crianças da Educação Infantil e como esse trabalho vem sendo compreendido e desenvolvido pelo educador na primeira etapa da Educação Básica. Portanto, o presente estudo tem por objetivo geral investigar como acontece a música na Educação Infantil. E por objetivos específicos: investigar como se organiza a Educação Infantil; investigar como a música está inserida no contexto da Educação Infantil; analisar as experiências musicais numa escola de Educação Infantil; e analisar a visão e a prática pedagógica do educador em relação à música na Educação Infantil. A pesquisa fundamentou-se, principalmente da perspectiva histórico-cultural, que tem como precursor o pesquisador Vigotski. Utilizou por instrumento metodológico para coleta de dados a observação. Por meio da análise, compreendeu-se que tanto educador como a criança são seres culturais e, portanto, seres de possibilidades para o trabalho educativo com a música na Educação Infantil.

Palavras chave: Criança, Educação Infantil, Música.

SUMÁRIO

MEMORIAL	11
INTRODUÇÃO	13
CAPITULO 1 – A INFÂNCIA E A EDUCAÇÃO INFANTIL	17
1.1. BREVE RELATO SOBRE A HISTÓRIA DA INFÂNCIA	17
1.2. A EDUCAÇÃO INFANTIL	19
CAPÍTULO 2 – A MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	21
CAPÍTULO 3 – REFLEXÕES ENQUANTO EDUCADORA DE EDUCAÇÃO INFANTIL SOBRE A EDUCAÇÃO MUSICAL	28
3.1. ESTRUTURA FÍSICA	28
3.2. FUNCIONAMENTO E RITMO	30
3.3. SOBRE AS OBSERVAÇÕES	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	50
ANEXOS	51

MEMORIAL

Ritmo é tudo, ele também está onde a gente menos espera!

A música é uma das mais antigas e valiosas formas de expressão da humanidade e está sempre presente na vida das pessoas. Antes de Cristo, na Índia, China, Egito e Grécia, já existia uma rica tradição musical. Na Antiguidade, filósofos gregos consideravam a música como uma dádiva divina para o homem (FERNANDES, 2009, s/n. apud, GONSALVES, et. al., 2012, p. 3).

Falar sobre música é bom. Falar sobre música na Educação Infantil é melhor ainda. Essa escolha surgiu pela afinidade que sempre tive com as crianças e com a música, algo como: amor à primeira vista - ou melhor, ao primeiro som.

Antes de começar a tratar aqui, sobre o que me levou a esta escolha de forma mais detalhada, faço uma breve trajetória sobre alguns fatos importantes que aconteceram em minha infância e a interessante ligação, desde cedo, com a música e seus encantadores e variados ritmos.

Atraída pelos sons musicais eu sempre dançava com minhas primas e amigas demonstrando desenvoltura tanto para samba, forró, reggae ou qualquer outra estilo. Isso ocasionava perguntas por parte de parentes e amigos, que me perguntavam como eu sabia dançar se em minha casa não havia aparelho de som e de televisão? Naquela época, a televisão era uma novidade e poucas pessoas tinham. Por vezes, eu era motivo de risos e questionamentos das minhas próprias colegas, por ser filha de uma pessoa evangélica e não “poder dançar”, mas quem disse isso? Não me importando com os comentários, deixava-me levar pelo prazer daqueles momentos.

Além de me sentir atraída pelos variados ritmos musicais e me sentir bem à vontade para me expressar corporalmente, também o fazia com a voz. Sempre gostei de cantar na igreja, em casa, na escola e com as amigas em momentos de descontração. Gostávamos de brincar de imitar cantoras famosas, principalmente a Xuxa, Angélica, Mara Maravilha, entre outras que não me vem à memória agora.

Refletindo sobre isso, penso que talvez todo esse gosto que tenho pela música pudesse ter permanecido apenas em minha infância e adolescência –

como um mero *hobby* e adormecido com o tempo. Cantar, dançar, ouvir, sentir, estar em constante desenvolvimento musical, trabalhando a música em todos os sentidos.

Ao chegar pela primeira vez à escola, tive a oportunidade de conhecer a professora Elení, que fazia um lindo trabalho na área de música, cantando, dançando e interpretando músicas de forma espontânea e que atraía a mim e toda a turma. Apesar de ser uma garotinha tímida (na escola), aos poucos fui pegando o “jeitinho” e quando menos esperava, lá estava eu, cantando e dançando com minha professora e meus coleguinhas de turma. Desse período escolar (infância), na verdade, essa foi a única professora que me marcou em relação à música, pois dentre tantas outras maravilhosas educadoras, que eu aprendi a admirar por outras qualidades, como gentileza, atenção e carinho, com as quais me tratavam, não costumavam cantar ou dançar, nem mesmo na hora do recreio.

Retomando agora ao que me levou a pesquisar sobre música na Educação Infantil, faço uma breve viagem às memórias do passado e me encontro exatamente com meus dezessete anos de idade, no momento em que descobri a minha afinidade com as crianças menores e assim, enveredar pelos caminhos da Educação Infantil. Especificamente nas aulas de “música”, outro fator que me chamava atenção era o trabalho realizado por outra Professora, a Cássia. Ela fazia pesquisas resgatando músicas da cultura local e do entorno como Cavalcante, São Jorge, Povoado Moinho e do Sertão, trabalhando conosco e compartilhando suas experiências com a turma. Assim, além de aprender mais sobre as músicas e como elas se diferenciam de uma região para a outra e de uma cultura para a outra, também compartilhava com as crianças cantando com elas, nas aulas de estágio. Se fosse nos dias atuais, sei que muito mais poderia ser feito e desenvolvido no que diz respeito a musicalidade, tanto com as colegas de curso, quanto com as crianças, porém naquela época, a música ainda estava longe de ser compreendida e trabalhada enquanto desenvolvimento musical, permanecendo-se apenas no “cantar”, tendo apenas a voz como o único recurso a ser utilizado para nessa área.

Com minha inserção no Curso de Pedagogia pela UAB/UnB (educação à distância), pude perceber uma grande oportunidade de conciliar infância e música na área que sempre gostei de atuar – a Educação Infantil. Essa certeza

veio ao cursar a disciplina de Fundamentos da Linguagem Musical na Educação, tendo como Professora organizadora, a Patrícia Pederiva. Dessa forma, tive a oportunidade de perceber o grande equívoco existente entre o verdadeiro sentido da música e a forma na qual ela vem sendo trabalhada pelas escolas.

Dentre esses, encontra-se o tradicionalismo que impede uma prática educativa diferente, a música é trabalhada, quase sempre, na forma de canção, principalmente, para comandar momentos como a hora do lanche, para organização de sala, ou seja, as denominadas musiquinhas de comando. Existem ainda aquelas usadas para fixar ou memorizar conteúdos disciplinares, como aprender os numerais ou as vogais.

Vê-se ainda, a utilização da música nas festividades, como dia das mães, dia das crianças, entre outros (em muitas escolas, essa é a única forma que a música é trabalhada), e que por se tornarem obrigatórias, perdem o verdadeiro sentido de sua existência, onde a preocupação em apresentar algo perfeito tornou-se enfadonho e cansativo para as crianças, principalmente por ser algo mecanizado.

Assim, sobre um olhar voltado para a perspectiva histórico-cultural do pesquisador Vigotski, proponho-me a aprofundar nos conhecimentos da expressão musical das crianças de 4 a 6 anos de idade.

INTRODUÇÃO

O presente estudo objetiva investigar como acontece a música na Educação Infantil e quais as contribuições para o desenvolvimento musical das crianças.

A necessidade desse estudo surgiu por meio do primeiro contato com a disciplina de Fundamentos da Linguagem Musical na Educação, ofertado na UAB/UnB (educação à distância). A partir desse momento, passou a existir a necessidade de repensar o trabalho educativo com a música em relação às crianças da Educação Infantil e como esse trabalhovem sendo compreendido e desenvolvido pelo educador na primeira etapa da Educação Básica.

Percebemos a presença da música na vida das crianças, ainda na gestação, pois o bebê sente as vibrações sonoras internas e externas no ventre materno e, ao nascer, o incentivo familiar e os demais contatos com o meio social e cultural, contribui nesse processo de desenvolvimento da musicalidade na infância. Assim:

A música não é só uma técnica de compor sons, mas um meio de refletir e de abrir a cabeça do ouvinte para o mundo. [...] Com sua recusa a qualquer predeterminação em música, propõe o imprevisível como lema, um exercício de liberdade que ele gostaria de ver estendido à própria vida, pois 'tudo o que fazemos' (todos os sons, ruídos e não sons incluídos) é música (CAGE, 1985, p. 5).

Partindo dessa premissa, percebe-se a presença da música na vida da criança desde quando bebê, o que favorecepara a continuidade do processo de desenvolvimento musical, na qual as crianças se expressam, uma vez que se é reconhecido um importante instrumento a seu favor - o seu próprio corpo.

Vigotski em sua perspectiva histórico cultural para a educação, entende que o processo de desenvolvimento é resultante da relação do individuo como meio social e cultural, ao contrário da concepção inatista que entende a aprendizagem como já estabelecida pelo desenvolvimento natural da criança, ou até mesmo da comportamentalista, que defende somente o meio como responsável pelo desenvolvimento do indivíduo. Dessa forma, Oliveira, citando Vigotski, afirma que:

[...] considerar o processo de ensino-aprendizagem, incluindo sempre aquele que aprende, aquele que ensina e a relação entre essas pessoas [...] justamente por sua ênfase nos processos sócio históricos, a ideia de aprendizado inclui a interdependência dos indivíduos envolvidos no processo (OLIVEIRA, 1997, p. 57).

Nesse sentido, a contribuição de Vigotski volta-se para as crianças e seu processo de criação em relação à imaginação, na qual são amparadas nas experiências vividas ou através da imitação de experiências alheias. Vigotski mostra ainda, que a criação infantil não surge do nada, ao contrário, ela é dependente de estímulos externos, da contribuição das relações sociais, o que podemos inserir o educador do ambiente educativo da Educação Infantil.

A música utilizada na prática educativa tem como desígnio primordial estimular a criança, favorecendo que ela se sociabilize, expresse suas emoções e amplie seu conhecimento. No entanto, em muitas escolas por todo o nosso país, o uso da música no dia a dia, é apenas para marcar mudanças de momentos em sala de aula (lanche, sono, atividade, parque, etc.) ou deixando-a passar despercebida, ignorada em sua importância.

É importante pensar a prática musical para criar condições de possibilidades para o desenvolvimento da musicalidade das crianças, justificando-se assim esta pesquisa.

Na metodologia dessa pesquisa, será realizada a observação quanto ao trabalho educativo realizado pelo professor em relação à música, bem como, as influências dessa prática para o desenvolvimento musical das crianças. Os dados serão discutidos e analisados dialogando com os autores pesquisados. Dessa forma, “as notações podem ser feitas por meio de registro cursivo (contínuo), uso de palavras-chaves, *checkliste*, códigos, que são transcritos posteriormente” (DANNA; MATOS, 2006, s/n).

Observar é estar atento a todos os movimentos, tanto do professor quanto da criança e registrar em um diário de bordo tudo o que seja considerado importante e voltado para o objetivo da pesquisa, tanto de positivo quanto de negativo. Portanto, “observar é um processo e possui partes para seu desenrolar: o objeto observado, o sujeito, as condições, os meios e o sistema de conhecimentos, a partir dos quais se formula o objetivo da observação” (BARTON; ASCIONE, 1984, s/n).

Portanto, o intuito da coleta de dados por meio do instrumento de pesquisa de observação, tem como:

Objetivo geral

- Investigar como acontece a música na Educação Infantil.

Objetivos específicos

- Investigar como se organiza a Educação Infantil.
- Investigar como a música está inserida no contexto da Educação Infantil.
- Analisar as experiências musicais numa escola de Educação Infantil.
- Analisar a visão e a prática pedagógica do educador em relação à música na Educação Infantil.

A criança desde pequena se expressa musicalmente de forma espontânea e diversificada, o que contribui para um bom trabalho na área de música. Um dos principais fatores que proporcionam o avanço nessa perspectiva é o reconhecimento de que música se faz em qualquer hora, em qualquer lugar, pelo simples fato de estar presente em tudo, principalmente no próprio corpo. Incentivar esse desenvolvimento musical independente de formação, de uma perfeição vocal ou ainda, de habilidade com algum instrumento musical. O ser humano é capaz de sentir e produzir variados ritmos sonoro-musicais, através de estímulos que lhes são oferecidos desde sua formação intrauterina.

Portanto, o presente trabalho organiza-se em três capítulos, na qual serão apresentados a seguir:

Capítulo 1 – A infância e a Educação Infantil.

Capítulo 2 – A música na Educação Infantil.

Capítulo 3 – Reflexões enquanto Educadora de Educação Infantil sobre a Educação Musical.

CAPITULO 1 – AINFÂNCIA E A EDUCAÇÃO INFANTIL

1.1 BREVE RELATO SOBRE A HISTÓRIA DA INFÂNCIA

Para discutir a história da infância, inicialmente, se faz necessário propor um limite entre a infância e a criança com base em autores de Freitas (1997), Barbosa (2000), Kramer (2007), entre outros, que tratam deste assunto, pois os termos nem sempre foram correlatos como atualmente o são.

A criança “ser” sempre existiu, desde o primeiro ser humano, contudo a construção social da “infância” só passou a existir, segundo Barbosa (2000), a partir dos séculos XVII e XVIII.

Kramer (2007) esclarece que as visões sobre a infância são estabelecidas social e historicamente e que, a inserção concreta das crianças e de seus papéis varia de acordo com as formas como a sociedade se organiza, dessa forma, pode-se compreender que a ideia de infância não existiu sempre e da mesma maneira.

Freitas (1997) esclarece em seus estudos com base em Lajolo que:

O significado da palavra infante, infância, tem sua origem nas línguas derivadas do latim estando ligada a ideia de ausência de fala. Essa noção de infância como qualidade ou estado do infante, isto é, aquele que não fala, edifica-se a partir dos prefixos e radicais linguísticos que compõem a palavra “in”, prefixo que indica negação; “fante”, particípio presente do verbo latino “fari”, que significa falar, dizer. Portanto, a noção de infância carrega consigo a ideia daquele que não fala e por não falar, a criança ocupa a terceira pessoa no discurso que dela falam. O que vigora é a perspectiva adulta, que desconsidera as especificidades da criança, procurando nela o adulto e submetendo-a às suas necessidades (FREITAS, 1997, s/n).

Durante o período medieval existia uma visão, segundo Perrotti (1999), adultocêntrica sobre a criança, que era vista como um adulto em miniatura e considerada apenas como um ser biológico que percorre etapas definidas, ignorando-se sua vinculação social e histórica.

Obviamente que a criança existia, apenas não era vista como hoje. Apenas não lhe era atribuída a mesma significação social e discursiva que lhe foi concedida após o século XVIII, com o advento da Idade Moderna.

[...] a criança tinha um papel social mínimo, sendo muitas vezes, considerada no mesmo nível que os animais (sobretudo pela altíssima mortalidade infantil, que impedia um forte investimento afetivo desde o nascimento), mas não na sua especificidade psicológica e física, a tal ponto que eram, geralmente, representadas como pequenos homens, tanto na vestimenta, como na participação na vida social. Até os seus brinquedos são os mesmos dos adultos e só com a Época Moderna é que se irá delineando uma separação (CAMBI, 1999, p. 176).

Outro fator interessante nesse período era que não se permitia a criação de vínculos familiares com a criança, pois esta deveria a partir dos 7 anos, ser entregue a uma família para aprender um ofício, independente de sua condição social.

Com a Revolução Industrial e o Iluminismo, registram-se as primeiras iniciativas de atendimento à infância, propondo-se a educação e a moralização dos pequeninos com o fim de torná-los, mais tarde, pessoas honradas e homens racionais, incumbindo aos colégios essa tarefa.

Até a primeira metade do século XVII, a primeira infância ia até os cinco ou seis anos. Aos sete anos, já ia para o colégio. Mas, a partir da segunda metade do mesmo século, observa-se o cuidado com a precocidade. O começo da idade escolar foi adiado para os dez anos, o que prolongava a primeira infância, sob a justificativa pela fraqueza, “imbecilidade” e incapacidade dos meninos. O ensino só foi levado às meninas a partir do século XVIII e neste mesmo século, criou-se um ensino para o povo e outro para as classes burguesas e aristocráticas, começando assim a discriminação social no sistema educacional (RODRIGUES, 2009, p. 12).

Seguindo a linha de pensamento de Rodrigues (2009), vemos a criança na contemporaneidade, ou seja, em nossa sociedade moderna. Com os avanços científicos e as mudanças socioeconômicas, as crianças passaram a ser vistas de outra forma, embora ainda persistisse a visão da criança como um ser que precisa ser educado, treinado, controlado. Há agora, uma nova ideia da criança como ser protagonista.

As crianças assumem o status de cidadãos, pessoas detentoras de direitos, que produzem cultura e são nela produzidas. “Esse modo de ver as crianças favorece entendê-las e também ver o mundo a partir do seu ponto de vista. A infância, mais que estágio, é categoria da história: existe uma história humana porque o homem tem infância” (RODRIGUES, 2009, p.16).

Paralelamente, as conquistas do status da criança como cidadã Postman (1999) aponta:

[...] alguns indícios que confirmam o desaparecimento da infância, uma vez que a violência contra as crianças e entre elas se tornou constante. Imagens de pobreza de crianças e trabalho infantil retratam uma situação em que o reino encantado da infância teria chegado ao fim (POSTMAN, 1999 apud RODRIGUES, 2009, s/n).

Confirmando o paradoxo de que na era pós-industrial não haveria mais lugar para a ideia de infância, uma das invenções mais humanitárias da modernidade, com a mídia e a internet, o acesso das crianças à informação adulta, teria terminado por expulsá-las do jardim da infância.

1.2 A EDUCAÇÃO INFANTIL

A Educação Infantil no Brasil era inexistente até meados do século XIX. Com o êxodo rural que ocorreu após a abolição da escravatura e a proclamação da república, originou-se o surgimento de creches, asilos e instituições de atendimento infantil, para promover o assistencialismo às crianças pobres. Interessante salientar que mesmo já em pleno século XX, os objetivos da Educação Infantil não eram os mesmos para toda a população infantil, mas diferiam, levando-se em conta a classe social. Para crianças pobres se propunha o assistencialismo e para as crianças ricas, a finalidade era o caráter educacional.

A Educação Infantil somente conseguiu ser consolidada no final da década de 1980 e início da década de 1990, quando a legislação passou a reconhecer as creches e as pré-escolas para crianças de 0 a 6 anos como a primeira etapa da Educação Básica.

A Constituição Federal de 1988 dá à criança o direito de se educar publicamente, passando a ter o direito à escola pública, direito adquirido desde o momento de seu nascimento, garantindo seu desenvolvimento integral enquanto cidadão em processo de formação.

Segundo Silva (2001) a partir do momento que a constituição passou a considerar a criança como cidadã, assegurou que a Educação Infantil passasse

a gerar não apenas mudanças pedagógicas, como exigindo uma melhor formação dos profissionais envolvidos no processo educativo. Conscientizando professores, educadores e pedagogos de que a criança, até os seis anos de idade, tem necessidade de receber uma educação de qualidade, que priorize sua formação em aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais. A partir daí uma nova visão educacional aparece e, educadores passam a compreender melhor essa situação, sem dizer que há um maior reconhecimento daquele profissional que se esforça em garantir o cuidado e a educação nas creches e escolas.

Assim, como a sanção da LDBEN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) de 1996, o Estatuto da Criança e do Adolescente (1993) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), também consideraram a importância de se promover os aspectos sociais, físicos, intelectuais, psicológicos e culturais das crianças de 0 a 6 anos nas creches e pré-escolas.

A LDBEN (1996) no seu artigo 4, inciso X, deixa claro que é dever do estado “garantir vaga na escola pública de Educação Infantil ou de ensino fundamental mais próxima de sua residência a toda criança a partir do dia em que completar quatro anos de idade”. Além disso:

Art. 11. Os municípios incumbir-se-ão de:

V – oferecer à Educação Infantil em creches e pré-escolas, e, com prioridade, para o ensino fundamental, permitida a atuação em outros níveis de ensino somente quando estiverem atendidas plenamente as necessidades de sua área de competência e com recursos acima dos percentuais mínimos vinculados pela Constituição Federal à manutenção e desenvolvimento do ensino (BRASIL, 1996, p.15).

CAPÍTULO 2 – AMÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A Educação Infantil no Brasil, ainda nos dias atuais, tem proporcionado uma diversidade considerável de práticas educativas equivocadas quanto ao desenvolvimento da musicalidade da criança. E, quando trabalhada, utiliza-se de canções cantadas, prontas ou emitidas por aparelhos de som.

Nesse sentido, Brito (2003, p. 51) afirma que “os cantos (ou ‘musiquinhas’, como muitos ainda insistem em dizer) eram quase sempre acompanhados de gestos e movimentos que, pela repetição, tornavam-se mecânicos e estereotipados, automatizando o que antes era – ou poderia ser – expressivo”.

Diante dessa percepção, é possível destacar mais um fator importante na relação entre a música e a criança: a liberdade de expressão, tanto para criar suas próprias músicas, melodias e batiques, quanto para criar seus movimentos, gestos, danças e ritmos. Ao contrário das costumeiras imposições com músicas prontas que fazem parte da realidade de muitas escolas de Educação Infantil, onde “ensaiam” as crianças para apresentações obrigatórias, principalmente em datas comemorativas, com coreografias musicais, gestos, entre outros.

A busca por mudanças nesse contexto exige urgência e um autoexame em relação à atuação educativa do adulto, que no caso, é o professor que trabalha com as crianças no espaço da Educação Infantil.

A música contribui com qualidades marcantes no processo de desenvolvimento tanto do conhecimento humano, quanto da sua expressividade. Vivenciar, portanto, a música, demanda compreendê-la em sua verdadeira essência e representação. Embora alguns elementos como o ritmo, a melodia e a harmonia façam parte de uma produção musical, não se pode afirmar que esses sejam os únicos elementos que devem ser reconhecidos como música. O processo de criação de instrumentos musicais a partir de materiais recicláveis e sucatas também são um rico material para a produção de sons de diversos timbres para as crianças explorarem.

Envolver-se. Essa é a questão. Mas o que leva um professor a hesitar nessa postura, levando-o ao não desenvolvimento com o trabalho musical em sala de aula? Isso significa que existem por traz de toda essa

mistificação, alguns “respaldos” negativos que merecem destaque. A exemplo disso tem-se a visão do professor de Educação Infantil na crença do mito de que existe a necessidade da formação musical, juntamente com o “talento” nato ou “dom” para o canto, a dança, etc. e, como complemento a esse fator, existe ainda a visão fragmentada da necessidade de possuir habilidade para tocar pelo menos algum instrumento musical. Ainda sobre o “dom”, Pederiva pontua:

Isto é, se depender das nossas possibilidades como animais humanos, todos somos capazes de nos expressar musicalmente, de expressar nossas emoções por meio de sons, do mesmo modo como, de modo geral, se depender da anatomia e da fisiologia humana, todos somos capazes de nos expressar por meio da linguagem falada. Isso é dado ao ser humano, independentemente das formas que possa assumir. A musicalidade possui, assim, caráter universal. Não se trata de um dom para alguns. É um dom para todos (PEDERIVA, 2009, p.38).

Esses são os mitos que se perpetuam em muitos ambientes educacionais, usados como apoio para “justificar” a auto exclusão por parte do professor e se isentar de toda e qualquer atividade relacionada à música e quando não, o mesmo se envolve de forma parcial, desmotivada. A esse respeito, Ranciere (2010, p. 35) discorre que “os excluídos do mundo da inteligência subscrevem, eles próprios, o veredicto de sua exclusão”.

Percebe-se então, que a música está ligada a vários aspectos da vida, sem limitar-se apenas à voz ou a instrumentos musicais, mas está relacionada ao dia a dia e em diversificados momentos da vida do ser humano. Essa presença torna-se real ao se perceber, ou melhor, observar os sons de acontecimentos diários, tanto no choro do bebê, na buzina do carro, na chuva que cai, no vento que se aproxima, no canto dos pássaros, no coaxar dos sapos, no canto da cigarra, do grilo e muitos outros fenômenos naturais e expressões humanas que nos cercam, podendo ser observado por Brito (2003, p. 17) ao definir que o “som é tudo que soa! Tudo o que o ouvido percebe sob a forma de movimentos vibratórios”.

Oferecer às crianças de Educação Infantil subsídio para que ela continue desenvolvendo o seu potencial rítmico e sonoro, portanto, nesse contexto, função do professor, pois dessa forma, ele estará contribuindo para o acesso à diversidade sonoro-musical. Isso se torna possível, quando no dia a dia da

Educação Infantil, o trabalho musical é desenvolvido com riqueza de repertório, como cantar cantigas de roda, realizar batuques, improvisar melodias, entre muitas outras possibilidades. Vale lembrar que as canções tem sua importância na atividade musical na infância, porém é necessário ser compreendida e cultivada pelo educador, como uma das várias atividades musicais possíveis, para que se desenvolva um trabalho expressivo em sua prática educativa diária. Dessa forma:

[...] para que a aprendizagem da música possa ser fundamental na formação do cidadão, é necessário que todos tenham a oportunidade de participar ativamente como ouvintes, intérpretes, compositores e improvisadores, dentro e fora da sala de aula. Isso exige que atividades musicais estejam inseridas nas práticas educativas dos professores (BRASIL, 1997, pg. 103).

A música, portanto, oportuniza ao professor, principalmente de Educação Infantil, promover uma continuidade desse processo de desenvolvimento musical infantil, pois antes mesmo de frequentarem a escola, elas já possuem uma bagagem musical, que conquistou em situações vividas fora da sala de aula, com a família, com os amigos e em outros ambientes socialmente frequentados.

Pederiva (2011, p. 71) observa em relação a esse contexto, que “a música faz parte da vida. Independente do modo com que nos relacionamos com ela, seja cantando, tocando algum instrumento, criando, ouvindo, a música existe em nossas vidas, quase que de modo onipresente”. Tudo isso também, existe dentro do ambiente da Educação Infantil, ou pelo menos, deveria existir. Será que tem sido oportunizado esse trabalho educativo nesse contexto?

Com base no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), em relação ao trabalho desenvolvido com a música na Educação Infantil, um número considerável de professores não alcançam a finalidade proposta em relação ao trabalho que precisa ser realizado ou tem deixado a desejar na busca por um estudo mais profundo. Dentre as variadas orientações de como realizar essa relação professor-aluno, aluno-professor, música no ambiente educativo e cotidiano educativo, encontra-se no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, algumas orientações:

Integrar a música à Educação Infantil implica que o professor deva assumir uma postura de disponibilidade em relação a essa linguagem. Considerando que a maioria dos professores de Educação Infantil não tem uma formação específica em música, sugere-se que cada profissional faça um contínuo trabalho pessoal consigo mesmo no sentido de:

- Sensibilizar-se em relação às questões inerentes à música;
- Reconhecer a música como linguagem cujo conhecimento se constrói;
- Entender e respeitar como as crianças se expressam musicalmente em cada fase, para, a partir daí, fornecer os meios necessários (vivências, informações, materiais) ao desenvolvimento de sua capacidade expressiva (BRASIL, 2001, p. 67).

Essa relação constitui-se ainda, na disponibilidade do professor, mesmo aquele sem formação em música, por uma busca pessoal em se interessar por essa questão para melhor compreender as necessidades do desenvolvimento musical da criança, reconhecendo a sua importância, da necessidade do respeito e do incentivo no desenvolvimento integral da expressividade e das vivências infantis em relação à musicalidade.

Vale lembrar, que a canção precisa ser compreendida pelo professor como uma das variadas formas de se trabalhar a música - uma delas. Porém, perpetuam ainda nos dias atuais, pensamentos e posturas contraditórias ou empobrecidas, que limitam a prática educativa às canções. É fato, que mesmo diante dessa necessidade e da importância relevante de um trabalho sério a ser desenvolvido no dia a dia da Educação Infantil, existem fatores que influenciam diretamente na impossibilidade de progresso nessa área. Portanto:

Constata-se uma defasagem entre o trabalho realizado na área de música e nas demais áreas do conhecimento, evidenciada pela realização de atividades de reprodução e imitação em detrimento de atividades voltadas à criação e a elaboração musical. Nesses contextos, a música é tratada como se fosse um produto pronto, que se aprende a reproduzir, (BRASIL, 1998).

Muitos educadores que se apoiam nas velhas frases como: *“não tenho formação nessa área”* ou *“não sei cantar nada”* ou ainda *“sou desafinado”*, entre outras, acabam por optar pelas “musiquinhas” que já vêm prontas, ou seja, pelo “mais acessível” – sem se dar conta de que está tirando da criança a oportunidade de desenvolver sua criatividade e sua capacidade de

improvisação diante das oportunidades que lhes são oferecidas. Torna-se então, necessário repensar e refletir essa prática pedagógica e seu importante papel histórico-cultural, capaz de formar produtores de música, desde sua tenra infância.

Cage (1985), em sua concepção musical, coloca que sua elaboração dá-se por meio do nível interno, agindo através da escuta intencional, ou seja, aquela que transforma e gera sentido e significados, seja através de sons externos ou de uma composição musical, o que torna a música um processo interativo. Ele afirma ainda que a “música é sons, sons à nossa volta, quer estejamos dentro ou fora de salas de concerto”.

A busca pelo processo de integração musical está no próprio professor. É necessário ter interesse, iniciativa, realizar pesquisas, leituras e se aprofundar nessa proposta de formação e informação. Sendo assim:

A possibilidade de um cotidiano prazeroso, criativo, colorido, musical, dançante, repleto de movimento, aventura e trocas dependerão, em muito, das possibilidades do adulto, da relação que estabelece com as diferentes linguagens do seu repertório cultural [...] Pensar o gosto e o repertório das crianças é problematizar o gosto e o repertório dos adultos (OSTETO, 2004, p. 57).

Ainda dentro dessa perspectiva, Osteto (2004) indaga: “Aos professores, o que lhes encanta?” “O que lhes mobiliza os sentidos?” “Que linguagens vivem, fazem, experimentam?”. Diante desse contexto, é possível notar um fator que influencia diretamente a realidade cotidiana de professores que estão dentro desse padrão, ou seja, voltados para um trabalho com repertório limitado, distante das crianças. Alguns educadores tem forte tendência em optar pelos repertórios de “musicas infantis” ou aquelas que estão no auge do sucesso e que são lançados pela mídia adentrando-se muitas vezes, por meio do rádio ou da televisão. Limita-se o repertório, sendo que existe uma infinidade de músicas a serem conhecidas, exploradas e vivenciadas pelas crianças. Portanto:

Pontuar música na educação é defender a necessidade de sua prática em nossas escolas, é auxiliar o educando a concretizar sentimentos em formas expressivas; é auxiliá-lo a interpretar sua posição no mundo; é possibilitar-lhe a compreensão de suas vivências, é conferir sentido e significado à sua nova condição de indivíduo e cidadão (ZAMPRONHA, 2002, p. 120).

É importante observar, que dentro do contexto da Educação Infantil, é possível perceber a existência e a prática musical, podendo ou não ser significativa para o professor e conseqüentemente para as crianças. Sendo assim, é necessária a existência da defesa pela grande necessidade de ampliar os conhecimentos com a música. Dessa forma, o professor será capaz de perceber que existe uma cultura infantil que é formada por grupos ou por crianças que individualmente trazem em sua bagagem histórico-cultural. Um grande acervo de vivências. Vigotiski (2009) afirma que:

[...] a criação, na verdade, não existe apenas quando se criam grandes obras históricas, mas por toda parte em que o homem imagina, combina, modifica e cria algo novo, mesmo que esse novo se pareça a um grãozinho, se comparado às criações dos gênios (VIGOTSKI, 2009, p. 15).

Diante do exposto, é possível perceber que contribuir para o potencial da criatividade que existe na criança, para que ela se expresse musicalmente é possível, quando o professor se dispõe em vivenciar, criar, movimentar, dançar, tocar, brincar, sentir, experimentar, imitar, batucar, entre outras possibilidades, sem a preocupação em ser um “gênio” para desenvolver esse tipo de trabalho. Dentro desse processo, que é edificado continuamente, pode-se perceber que:

[...] em todas as culturas as crianças brincam com a música. Jogos e brinquedos musicais são transmitidos por tradição oral, persistindo nas sociedades urbanas, nas quais a força da cultura de massas é muito intensa, pois são fontes de vivências e desenvolvimento expressivo e musical. Envolvendo o gesto, o movimento, o canto, a dança e o faz- de – conta, esses jogos e brincadeiras são legítimas expressões da infância. Brincar de roda, ciranda, pular corda, amarelinha etc. são maneiras de estabelecer contato consigo próprio e com o outro, de sentir-se único e, ao mesmo tempo, parte de um grupo, e de trabalhar com as estruturas e formas musicais que se apresentam em cada canção e em cada brinquedo (RCNEI, 1998, p. 71).

No próximo capítulo constam as situações e as análises de acordo com as observações realizadas em duas turmas de Educação Infantil, com crianças na faixa etária entre 4 a 6 anos. Tais observações foram realizadas com o objetivo de investigar como a música acontece no contexto de Educação

Infantil, bem como sua organização e estrutura. Foram analisadas as experiências musicais das professoras observadas em relação à sua prática musical com seus alunos e, em que momento do cotidiano desse contexto a música é inserida e como é trabalhada com as crianças.

CAPÍTULO 3 – REFLEXÕES ENQUANTO EDUCADORA DE EDUCAÇÃO INFANTIL SOBRE A EDUCAÇÃO MUSICAL

A presente pesquisa possibilitou-me refletir sobre a Educação musical e como esta vem sendo trabalhada na Educação Infantil, sendo realizada no Centro Municipal de Ensino Infantil Criança Feliz – CMEI, em Goiás – GO.

Inicialmente entrou-se em contato com a direção da Instituição com o intuito de conseguir o acesso para as observações oportunizando o delineamento do estudo abaixo estruturado, para melhor compreensão.

3.1. AMOSTRA

Foram feitas quatro observações na terceira semana do mês de novembro de 2013, abrangendo duas professoras regentes – que serão nominadas de Professora 1 e 2 e uma terceira professora que será denominada de professora substituta.

Todas as profissionais atenderam no período da observação de 13 a 17 crianças na faixa etária de 4 a 5 anos e de 5 a 6 anos.

3.2 ESTRUTURAS FÍSICA E PEDAGÓGICA

O CEMEI (Centro Municipal de Ensino Infantil), é uma instituição municipal, mantida pela prefeitura e administrada pela Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer, que tem por objetivos fins educacionais.

Foi inaugurado em cinco de Março de 2011, estando portando, em funcionamento há dois anos. Atende a famílias de trabalhadores, enquanto creche e desenvolve um trabalho de Educação Infantil com crianças de até 6 anos de idade em período integral e parcial.

Essa instituição possui vinte e quatro funcionários, sendo distribuídos entre:

- Uma Diretora,
- Nove professoras,
- Sete monitoras,

- Duas profissionais de limpeza,
- Quatro cozinheiras (duas pela manhã e duas à tarde),
- Uma profissional para serviços gerais.

Tudo está novo e bem conservado. O prédio possui seis salas de maternal e duas de Educação Infantil, todas com espaço externo com acesso ao fundo. O maternal I possui um banheiro com chuveiro e uma sala de descanso, com berço para todos. O maternal II possui apenas chuveiro e colchonetes apoiados com um suporte de madeira, próximo ao chão, para as crianças deitarem no momento do descanso e também uma pia grande e alta para higienizar o lanche (frutas). Da mesma forma o maternal III, com apenas um diferencial, não dispõe de banheiro, nem chuveiro interno, sendo usados os dois banheiros na área externa, no corredor da escola, que possui também um refeitório com dois bebedouros.

A escola disponibiliza de uma brinquedoteca com os seguintes itens: uma mini-bateria, cavalinhos, bambolês (pequenos e inadequados), jogos lógicos em geral, duas casinhas grandes e pequenas com brinquedos em geral como carrinhos, bonecas, chocalhos. Todos os brinquedos são de plástico, exceto a bateria.

Na entrada da escola é possível notar as salas da Diretora, da coordenadora de turno e da coordenadora pedagógica e dos professores com computador e internet. Na sala das professoras tem também, um sofá e uma geladeira. No período que ocorreu a pesquisa, foi instalado o ar condicionado em todas essas salas acima citadas, mas ainda está sem funcionamento. No mesmo ambiente (corredor), possuem quatro banheiros e um bebedouro.

Recentemente foi concluída a sala de informática, com quinze computadores em funcionamento e disponível para as crianças do infantil.

O parque é todo gramado e com amplo espaço. Tem um determinado espaço com brinquedo que foram montados, como: balanços, gira-gira, gangorra, mas todos são de ferro, exceto o acento do balanço, que é de borracha.

Na cozinha que fica próxima ao refeitório, possui uma sala de armazenamento de alimentos, um fogão industrial grande, um freezer horizontal, um almoxarifado, uma sala para as merendeiras guardarem seus pertences, uma lavanderia com máquina com capacidade para doze quilos.

Nesse espaço algo me chamou a atenção, pois na área externa (nos fundos da cozinha), possuem dez banheiros com ducha montada. Para finalizar, próximo à cozinha, tem o lactário de acesso exclusivo dos professores, para o caso da necessidade de aquecer mamadeiras ou sopas das crianças. Nessa sala possuem também um fogão pequeno, um micro-ondas e uma geladeira.

Quanto ao Projeto Político Pedagógico da escola, foi elaborado pela diretora em 2011, em seguida foi realizada uma reunião com as professoras para apresentação, discussão e aperfeiçoamento, com a proposta de ser revisto sempre no início de cada ano letivo. Foi-me permitido ler o documento e fazer algumas anotações que considerasse necessária.

O documento está muito bem elaborado teoricamente bem embasado, mas não está concluído. As páginas ainda não foram enumeradas e as folhas estão soltas, sendo esclarecido pela coordenadora que *“ainda está em processo de preparação para engavetamento”*.

Essa escola funciona como creche em período integral para crianças a partir de um ano (desde que já estejam caminhando) e na Educação Infantil em período parcial, atendendo crianças na faixa etária dos quatro aos seis anos de idade. A escola tem vagas para atender uma média de oitenta crianças do maternal e oitenta do infantil. No momento, o número atual de crianças atendidas é:

- Dezesseis – maternal I
- Vinte e quatro – maternal II
- Vinte e oito – maternal III

Na Educação Infantil:

Período matutino:

- Dezessete – faixa etária de quatro e cinco anos.
- Quinze – faixa etária de cinco e seis anos.

Período vespertino:

- Vinte – faixa etária de quatro e cinco anos.
- Vinte – faixa etária de cinco e seis anos.

3.3 FUNCIONAMENTO E RITMO

O Centro Municipal de Ensino Infantil Criança Feliz funciona como creche em período integral, atendendo crianças a partir de um ano de idade e na Educação Infantil em período parcial, atendendo crianças na faixa etária dos quatro aos seis anos de idade.

No período matutino o ritmo de funcionamento e organização dos horários é:

7h30s - Chegada e lanche (muitas são levadas de casa ainda dormindo);

9h - Lanche para todos da escola (maternal, infantil e funcionários);

9h30m - Recreio no parque para o infantil e retorno para a sala do maternal (que inclusive são os únicos a lancharem no refeitório, as outras crianças lanchem em sala);

11h – Saída Infantil;

11h10m – Almoço para o maternal;

11h30 às 14h - Momento da “soneca”, (segundo a coordenadora pedagogia, praticamente todos dormem.);

13h - Entrada dos alunos do vespertino (Infantil)

15h – Lanche para todos.

15h30 – Hora do banho do maternal;

16h30 os pais dos alunos do maternal começam a chegar para buscar seus filhos;

17h Saída dos alunos do Infantil.

3.3. SOBRE AS OBSERVAÇÕES

Para a realização das observações descritas abaixo, entrei em contato com a direção do CEMEI, com antecedência, e após a minha apresentação enquanto pesquisadora e esclarecido à diretora sobre a importância da pesquisa proposta, bem como seu objetivo, solicitei a permissão para observar durante o período de quatro dias em duas salas de Educação Infantil, sendo dois dias em cada uma. A diretora se demonstrou receptiva e, estabeleceu as datas das observações ficando acordado que esta entraria em contato com as professoras regentes para informá-las da minha presença em suas aulas.

No dia agendado ao comparecer a escola e falar com a Diretora, esta havia se esquecido de comunicar as professoras de minha presença, foi pedido então que diretora fizesse uma rápida prévia apresentando-me enquanto pesquisadora para as professoras.

A professora 1 desejou tomar conhecimento da temática da pesquisa demonstrando sentir-se surpresa, o que foi observado devido a sua expressão facial. Após tomar conhecimento do tema da pesquisa, foi aceita a minha presença enquanto pesquisadora.

[...] a presença de um aluno-estagiário é considerada como um elemento perturbador do planejamento escolar inicial; outras vezes, algumas experiências passadas como a presença de alunos graduandos na escola possam ter tumultuado o recinto escolar; cabe ainda uma consideração sobre a postura de alguns professores que não gostam da presença de alunos estagiários observadores e/ou participativos em suas aulas. Entretanto, nenhuma dessas justificativas pode ser considerada relevante e significativa no respaldo do posicionamento de algumas escolas que se negam a aceitar o desenvolvimento de estágios e TCCs de alunos de graduação em Licenciatura. Esse erro colabora negativamente com a formação inicial de professores, que muitas vezes se sentem inseguros mesmo após a obtenção do diploma universitário. (FERNANDES et. al., 2009, p.4)

Portanto segundo Fernandes et. al. (2009) estes contratempos são comuns em decorrência da desconfiança por parte de alguns funcionários das instituições de ensino e não devem servir de forma alguma para desmotivar os pesquisadores e/ou alunos estagiários.

Primeiro dia de observação, em 11 de Novembro de 2013.

- Entrada: 7h30
- Saída: 11h
- Infantil II – Faixa etária: 5 e 6 anos
- Professora 1
- Presentes 17 crianças

Ao chegar, as crianças esperavam no salão. Algumas ficavam sentadas, outras brincavam até o sino tocar e assim que tocado, automaticamente e rapidamente, a fila era formada, cantavam algumas músicas e em seguida, cada professora direcionava os seus alunos à sala.

A professora iniciou a aula cumprimentando as crianças com um bom dia formal. As cadeiras estavam organizadas da forma tradicional, uma atrás da outra. Em seguida, ela pediu para que eu me apresentasse às crianças e assim foi feito. Sorridente, iniciei saudando-as com um bom dia e me apresentei como professora-estudante. Disse a elas o meu nome e que estaria ali por dois dias para descobrir coisas novas e interessantes junto com elas e sua professora.

Logo as crianças perguntaram: *“ué, você também estuda, como assim?”* Respondendo disse: *“sim, nós professores estamos sempre aprendendo e descobrindo as coisas junto com vocês, sempre. Agora vou ficar aqui no cantinho apenas observando”*. Em seguida, a professora iniciou dando alguns avisos importantes, chamando a atenção das crianças para não trazerem de casa brinquedos e lanches por estarem causando transtornos.

A professora continuou sua aula convidando as crianças para contarem quantos estavam presentes e quantas faltaram e, todos fizeram a contagem juntos. Como era uma segunda-feira, a professora perguntou a cada um como foi o final de semana. Nesse momento todos quiseram falar ao mesmo tempo, mas a professora pediu calma, pegou uma espécie de “varinha” (era o cabo de uma sombrinha) e, apontando para quem iria falar, pronunciava o nome de cada um.

Após esse momento, a professora convidou-as para cantar a música de “bom dia” e começou então, um repertório de músicas, uma seguida da outra, com e sem gestos, com todas as crianças sentadas na cadeira, mesmo quando alguma música cantada, fosse para movimentar algum membro do corpo (como pé, joelho, etc.). No total, foram cantadas seis músicas, todas escolhidas pela professora. Naquele momento, minha expectativa era de que, pelo menos as crianças se levantassem ou fossem para o lado de fora da sala ou que ficassem em roda na sala mesmo.

Refletindo então, sobre a questão do repertório musical, mecânico e estereotipado citado por Brito, pude perceber que além daquele momento estar sendo algo sem sentido para as crianças, era também, sem sentido para a professora e, talvez estivesse apenas ocorrendo devido a minha presença e/ou pelo tema da minha pesquisa.

Acerca dessa questão, a autora continua:

[...] é preciso lembrar que a música é linguagem, cujo conhecimento se constrói com base em vivências e reflexões orientadas. Desse modo, todos devem ter o direito de cantar, ainda que desafinando! Todos devem poder tocar um instrumento, ainda que não tenham, naturalmente, um senso rítmico fluente e equilibrado, pois as competências musicais desenvolvem-se com a prática regular e orientada em contextos de respeito, valorização e estímulo a cada aluno, por meio de propostas que considerem todo o processo de trabalho, e não apenas o produto final (BRITO, 2003, p. 53).

Durante a observação deste “momento musical”, foi possível refletir sobre a existência de um conceito equivocado em relação ao trabalho a ser desenvolvido com a música, principalmente na Educação Infantil, que o canto ainda é entendido como o único meio para se desenvolver o trabalho musical com crianças. O que estava sendo realizado então, naquele momento era o produto final, ou seja, as musiquinhas que já vêm prontas e que simplesmente, foram reproduzidas pelas crianças sem que ocorresse nenhuma aprendizagem mais significativa.

Em seguida, algumas crianças pediram para irem ao banheiro e a professora aproveitou o momento para organizar a ida de todas as crianças juntas, formando uma fila de meninos e outra de meninas e liberando de dois em dois. A professora lembrou as crianças que era somente aquele momento que eles iriam ao banheiro e quem quisesse, poderia aproveitar para beber água, pois a aula começaria e por algum tempo eles não poderiam sair da sala.

Ao retornarem desse momento, a professora recolheu os cadernos de atividades de casa e as agendas e trabalhou matemática, fazendo uma leitura com todos dos números que estavam colados na parede, iniciando com um verso cantado: *“a galinha do vizinho bota ovo amarelinho bota um, bota dois, bota três”* e assim sucessivamente até o numeral dez. Ao dizerem os números, a professora ia apontando com sua “varinha”.

A segunda atividade foi a leitura do alfabeto que fica na parede, sendo realizada com o grupo por duas vezes e em seguida individualmente. Para aquelas que acertavam, todos batiam palmas e para os que demoravam os alunos logo diziam: *“ele não sabe professora”* e ela contornava a situação dizendo: *“quando um colega demora a dizer a letra é porque ele está pensando”*.

No momento das palmas, foi possível perceber ali um indício de expressão musical das crianças, mas havia acontecido sob essa intenção por parte da professora? Ou tratava-se de mero gesto de “incentivo” para aquelas crianças que ainda estavam aprendendo as letras do alfabeto?

Depois dessas atividades, a professora fez a chamada e deu início a mais uma atividade de matemática, colando um pequeno cartaz no quadro com o desenho de uma borboleta desenhada com algumas formas geométricas anteriormente estudadas. Foi lembrada cada uma delas para as crianças: triângulo, retângulo, círculo e quadrado. Na sequência as crianças lavaram as mãos, e novamente foram iniciadas pela professora, seguida pelas crianças, as seguintes canções: “É hora de lanchar, é hora de alegria”... e “Bicho papão não tem jeito não, minha comidinha você não leva não”... Seguidas da seguinte oração: “Papai do céu, muito obrigado por este lanchinho, nunca deixe faltar em nossa mesa, que assim seja. Amém”.

O interessante é que a música cantada não foi o esperado “meu lanchinho”, pois é o que geralmente as professoras de educação infantil ainda “cantam” nos dias atuais.

As crianças foram liberadas para o recreio após lancharem. Elas se divertiram bastante nos brinquedos do parquinho e no gramado. Foi possível observar as diferentes expressões musicais cantadas e dançadas por elas. Todo este movimento musical aconteceu de forma espontânea sem a interferência da professora que se manteve apenas supervisionando os alunos, sem tomar parte ou propor qualquer atividade musical ou expressiva.

Segundo Brito (2003) ao propor brincadeiras simples que descrevam ações cotidianas como, por exemplo, os sons que as crianças emitem quando acordam, escovam os dentes, colocam suas roupas e sapatos ou ainda comem determinados tipos de alimentos; ou ainda a reprodução de sons de animais como gatos, patos, cachorros, cavalos e o som dos carros, motos, etc. os profissionais oferecem base para o desenvolvimento da “criatividade e atenção das crianças”.

O momento do recreio é realizado com as duas turmas juntas o que favorece a interação das crianças que não estão na mesma sala de aula. Neste dia, a professora regente da outra turma que também estava no recreio, também não participou das brincadeiras das crianças.

Pude observar que infelizmente o “recreio” ainda é usado como premiação para o “bom comportamento” dos alunos em sala de aula e no próprio parque, ou seja, sua imensa dimensão pedagógica não é plenamente aproveitada pelos educadores.

No retorno do recreio, as crianças estavam agitadas, falavam alto e se movimentavam, correndo e pulando em sala.

Foi possível perceber que a própria professora também demonstrava constrangimento diante da situação, pois a turma já havia saído do ritmo. Diante dessa observação, acredito que este seria um momento propício para ela desenvolver uma atividade musical com as crianças como uma rodinha de música, por exemplo, que levasse a turma a perceber de forma divertida e atraente que já se encontravam em outro momento e assim, o ritmo da aula com certeza continuaria sem maiores dificuldades. Neste caso as músicas de acalanto, Sapo Cururu ou Nesta rua, e a brincadeira cantada: Senhor caçador, por exemplo, promovem um aconchego entre as crianças, acalmam, concentram e são totalmente adequadas na educação infantil, podendo ser usadas pelo professor sempre que considerar necessário, principalmente quando a situação pede.

Nesta observação uma das alunas se aproximou e sorrindo disse: *“olha só, eu fiz uma música pra você, quer ouvir?”* Prontamente disse que sim. Então ela melodiou uma pequena frase, porém significativa: *“professora... que me ensina a escrever... te amo... que me ensina a amar”*. Disse parabéns a ela e agradeceu pela música, nos abraçamos e ela quis me dar um beijo, quando foi advertida pela professora para ir se sentar. Depois disso, a professora distribuiu um desenho igual ao da borboleta que ela havia colado na parede, anteriormente e pediu para as crianças colorirem.

Enquanto as crianças coloriam, a professora colava as atividades de casa nos cadernos que seriam entregues posteriormente. Nesse momento, a turma estava agitada, conversando, brigando e alguns se desrespeitando até mesmo, fisicamente. Pude observar que naquela atividade “artística” faltava não apenas o envolvimento da professora, mas algo de mais atraente ou motivador, pois daquela forma, que lhes foi proposto, estava causando desinteresse e conseqüentemente, toda aquela agitação.

Refleti naquele momento sobre a oportunidade da professora cantar uma ou mais músicas que falassem sobre a borboleta, suas cores e encantos. Particularmente gosto muito dessa a seguir, por ser suave e ter uma melodia linda: “Borboleta azul, voa pelos campos, campos multicores, cheio de flores, voa pelo ar, no azul do céu, brilha com o vento, como um véu”...

Assim além da professora estimular a criatividade dos alunos, ao mesmo tempo em que ela estaria cantando, estaria interagindo com as crianças também e com certeza cantariam juntos enquanto pintavam a borboleta, e a professora organizaria os materiais necessários já que aquele momento parecia ser sua única oportunidade, pois as atividades eram levadas para casa diariamente.

A aula se encerrou às onze horas e à medida que os pais chegavam a professora entregava os cadernos e sem despedida, abraço ou pelo menos, um até logo, as crianças foram sendo dispensadas.

Mais uma observação pode ser constatada quanto a este momento, pois considero extremamente importante que a criança seja bem recebida no início da aula, uma a uma, antes de entrarem para a sala e na saída ser realizada a despedida também, pois o vínculo afetivo criado entre o professor e o aluno precisa acontecer desde o início de sua inserção na escola, porém cabe ao professor fazer essa ponte.

Segundo dia de observação, em 12 de Novembro de 2013.

- Presentes 15 crianças
- Professora substituta

No dia anterior à segunda observação, foi explicado que por se tratar do dia de planejamento da professora regente ela não estaria em sala e sim uma professora substituta e que esta já estaria avisada da presença de uma observadora na sala de aula.

A professora substituta foi atenciosa e explicou as crianças que naquele dia elas teriam a presença da “tia” que iria ficar observando. Em seguida, foi efetivada uma segunda advertência em relação a alguns sumiços de brinquedos das crianças que estavam trazendo de casa, seguido de um terceiro aviso que causou descontentamento nas crianças, ao ouvirem da professora que não haveria contação de história naquele dia por estar com

problemas na visão e caso ela forçasse a leitura, poderia sentir tontura e até mesmo cair (fazendo o gesto para a frente, como se fosse cair).

Foi possível observar aí uma oportunidade que a professora substituta teria para desenvolver um trabalho bem interessante e dinâmico com a turma, dando a oportunidade para cada criança contar uma história. Além das crianças se divertirem bastante com essa atividade estaria desenvolvendo de forma prazerosa sua capacidade de expressão, criatividade, imaginação e até mesmo de memória, pois com certeza viria à tona alguma história antes contada pela própria professora.

A professora substituta se ausentou por alguns minutos e voltou pouco tempo depois com algumas caixas, avisando que aquele seria um dia diferente, que ela iria fazer mais brincadeiras e que iria ter uma surpresa, mas só ganharia a surpresa quem ficasse quietinho. Nesse momento as crianças se olhavam e os olhinhos brilhavam ao ouvirem a promessa da professora, que em seguida, convidou as crianças para fazerem a oração e deu início a aula.

No momento, observei que todas as crianças já haviam decorado a oração. Após, a professora distribuiu joguinhos de alinhavo com figuras de animais, plantas, objetos, entre outros, para as crianças, que permaneceram sentadas em suas cadeiras. Acredito que essa seria uma grande oportunidade para a professora quebrar a rotina e realizar esse tipo de atividade em outro lugar, como por exemplo, no salão da escola ou na parte que dá acesso ao fundo da sala, que é amplo e cercado, pois elas teriam assim, a oportunidade de criar mais, se movimentar, fazer trocas uns como os outros. Mesmo recebendo algo semi- pronto, como era o caso dos joguinhos.

A criança precisa criar, mas só irá fazê-lo se tiver oportunidade, caso contrário, ela estará sempre limitada diante de tantas ponderações. Pederiva (2009) faz uma consideração a esse respeito:

Ao professor cabe tecer a pauta de aprendizagem do aluno, marcada pela ênfase na repetição [...] Ao aluno cabe aderir à pauta do professor, ainda que não lhe confira qualquer sentido pessoal, abandonando seus desejos e intenções musicais, distanciando-se e alienando-se de seu ambiente social musical imediato (PEDERIVA, 2009, p. 14).

Esse é um exemplo do que acontece no dia a dia em muitas escolas da Educação Infantil. A criança é inserida num ambiente que a distancia totalmente da riqueza de possibilidades educativas, que lhe poderia ser proposto e concedido, num ambiente onde elas pudessem interagir social, musical e de forma espontânea.

Ainda sobre a atividade de alinhavo foi possível observar, que a professora sempre alertava as crianças de que aquele que completasse mais figuras ganharia mais balinhas, pronunciando o nome da “surpresa” que ela iria distribuir para as crianças. Descobri posteriormente, que é costume dessa professora levar balas, pirulitos e doces diversos para as crianças, nos dias em que ela substitui como forma de agradar também as crianças e ao mesmo tempo de conseguir um melhor comportamento. As crianças começaram a disputar quem completaria maior número de figurinhas para ganhar mais balinhas, pois foi esse o entendimento, diante da promessa feita pela professora.

Observei que em nenhum momento a professora substituta propôs algum tipo de atividade com música dentro da sala, nem mesmo as cantigas tradicionais usadas pela professora regente na primeira observação.

Em seguida era o recreio e, após o lanche, as crianças foram brincar no parque muito alegres visto que a professora substituta não deixava que eles fossem a maioria das vezes ao parque, desenvolvendo apenas jogos em sala ou permitindo que as crianças brincassem apenas na pequena área externa que fica de fundo para a sala.

O parque é um espaço para o professor desenvolver outros tipos de atividades, como brincadeiras direcionadas, rodinhas de músicas, confecções de material sonoro musicais, e entre outras diversas possibilidades durante o próprio período de aula, o que não vi acontecendo durante os dias em que estive observando e mesmo os outros dias, em que compareci para recolher dados mais precisos sobre a escola.

Pude observar também, que a professora é extremamente rigorosa e as crianças não tem nenhuma liberdade para se expressar livremente, correr, pular, subir, descer, caminhar fazendo algum pequeno percurso, como nas muretas que tem próximo ao salão, por exemplo.

De acordo com Costa (2007) o brincar é muito importante para o desenvolvimento e aprendizagem da criança pequena, pois envolve diversão e ao mesmo tempo uma postura de seriedade. “A brincadeira é para a criança um espaço de investigação e construção de conhecimentos sobre si mesma e sobre o mundo.”

Foi possível observar que a professora embora agisse visando o bem estar físico das crianças, acabava sem saber prejudicando o seu desenvolvimento. Sobre essa questão, é possível observar mais um fator que contribui para esses constantes acontecimentos no ambiente escolar, que está ligado ao despreparo do professor e a falta de informação que contribua para que ele esteja desenvolvendo um trabalho consciente e que esteja voltado para o estímulo do desenvolvimento infantil em todas as fases, ficando claro mais uma vez a necessidade de que todos os professores estejam sendo capacitados continuamente como preconiza a LDB (1996)

Art. 61º. A formação de profissionais da educação, de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e às características de cada fase do desenvolvimento do educando, terá como fundamentos: I - a associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço; [...] Art. 63º. Os institutos superiores de educação manterão: I - cursos formadores de profissionais para a educação básica, inclusive o curso normal superior, destinado à formação de docentes para a educação infantil e para as primeiras séries do ensino fundamental; II - programas de formação pedagógica para portadores de diplomas de educação superior que queiram se dedicar à educação básica; III - programas de educação continuada para os profissionais de educação dos diversos níveis. [...] Art. 67º. Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público: [...] II - aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento periódico remunerado para esse fim; (BRASIL, 1996, [s.p.])

Foi possível observar também a importância do Projeto Político Pedagógico como um instrumento a ser de conhecimento de todos os funcionários da escola, lido e estudado pelo grupo, pois ao analisar o PPP do CMEI é possível tomar conhecimento dos objetivos propostos:

1.3. Objetivos gerais para o aluno da Educação Infantil:

A prática da Educação Infantil deve se organizar de modo que as crianças desenvolvam as seguintes capacidades:

- Desenvolver uma imagem positiva de si, atuando de forma cada vez mais independente, com confiança em suas capacidades e percepção de suas limitações.
- Descobrir e conhecer progressivamente seu próprio corpo, suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo e valorizando hábitos de cuidado com a própria saúde e bem-estar.
- Estabelecer vínculos afetivos e de troca com adultos e crianças, fortalecendo sua autoestima e ampliando gradativamente suas possibilidades de comunicação e interação social (PPP, 2011).

A volta da turma para a sala de aula após o recreio não foi tranquila, novamente as crianças demonstraram a agitação natural depois de tantas brincadeiras, correrias no parque, considero importante uma última observação: A professora substituta ficou tranquila e procurou mostrar equilíbrio e paciência em sua aula durante todo o primeiro período, mas essa postura mudou durante e após o recreio, ficando muito agitada e com pouca paciência.

Sua atitude levou a reflexão de como a música serviria para evitar tanto a sua agitação, quanto a das crianças. Antes mesmo de entrar na sala de aula, ainda no período do recreio, cantigas de roda, brincadeiras de imitação de sons, jogos de percussão, poderiam já ir gradativamente diminuindo o ritmo das crianças e induzindo-as ao ritmo naturalmente.

Já em sala as crianças realizaram uma tarefa de artes, colorindo um desenho antes de ser passado um DVD, as crianças tiveram um tempo determinado para realizarem a tarefa, sendo retirado o desenho no prazo estipulado, mesmo os daqueles alunos que ainda não haviam finalizado.

Depois desse momento a professora preparou as cadeiras para as crianças se sentarem e colocou um o desenho “Mundo mágico”, que por sinal, parecia ser conhecido das crianças, pela forma que elas reagiram. A maioria reclamou, dizendo: “*ah, de novo!*”. Logo em seguida a diretora apareceu e se sentou perto das crianças. Às vezes era preciso chamar a atenção por causa da inquietação e das conversas. Acredito que esse tipo de atividade pode até ser realizada com as crianças, mas de uma forma que seja uma novidade e cuidadosamente escolhido, visto anteriormente pelo professor, mas ao contrário, essa atividade se tornou um hábito semanal, onde toda professora tem o direito de usar o vídeo para passar filmes e desenhos para as crianças. A

aula foi nesse ritmo até o final. Quando os pais chegavam, entravam na sala e levavam seus filhos, sem cumprimentos, sem vínculos.

Ressalta-se, que a professora em questão é uma senhora com vinte e cinco anos de carreira e a idade de sessenta e um anos, em processo de aposentadoria, tendo trabalhado durante sete anos na zona rural com turmas multisseriadas e que cursou o Pró-Infantil para complementar seu curso de magistério. É importante destacar, que em toda a aula, não houve momentos de trabalho educativo com a música.

Terceiro dia de observação, em 13 de Novembro de 2013.

- Entrada: 7h30
- Saída: 11h
- Infantil I – Faixa etária: 4 e 5 anos
- Professora 2.
- Presentes 13 crianças.

Saudando as crianças com um bom dia, a professora falou da minha presença e pediu que eu me apresentasse. Eu me apresentei semelhante ao realizado na turma anterior. Pude observar que, diferentemente da professora 1, a professora 2 organiza as cadeiras uma ao lado da outra, formando um semicírculo, que espontaneamente me disse que conseguia trabalhar melhor daquela forma, com as crianças uma ao lado da outra. Em seguida ela me convidou para sentar e deu continuidade a aula perguntando qual era a música do dia. Uma criança começou e todos a acompanharam na música: “Bom dia coleguinha como vai”. Ao terminar a música, a professora disse: *“bom dia pra todos”* e começou então, um repertório de músicas, uma seguida da outra e as crianças, sentadas em suas cadeiras também, cantavam.

Houve músicas que falavam das partes do corpo e que pedem movimento, mas mesmo assim, as crianças permaneceram sentadas, mexiam seus pés, joelhos e outros membros do corpo como podiam. Uma das músicas cantadas me chamou a atenção: “O sapo não lava o pé”, ao final dessa música, a professora iniciava pronunciando o nome de uma criança e assim sucessivamente. “Por exemplo: Luana não lava o pé”, “Rosângela não lava o pé”. Até pronunciar o nome de todas as crianças e da professora. As crianças

demonstraram satisfação com essa atividade musical. Uma delas, a mais novinha da turma, se escondeu debaixo da mesa sorrindo, mas seu nome foi pronunciado mesmo assim, sem constrangimento aparente para ela. No final, a professora comentou comigo que essa foi uma forma que ela desenvolveu para que todos aprendessem o nome dos coleguinhas. Observei que na hora de pronunciar o nome da professora, foi cantada “a tia” e não o seu nome.

Acredito que esse conceito deveria ser mudado, pois tia vem de parentesco e as crianças são capazes de aprenderem rapidamente o nome da professora.

Após esse momento, a professora anunciou que iria começar a distribuir as “tarefinhas”. Ao fazer esse anúncio, todos reclamaram: “*ah, não*”, “*ah, sim*” disse a professora, “*vocês estão precisando estudar mais matemática e hoje vocês vão fazer o numero dois*”. Começou a distribuir as tarefas que continham o desenho de duas flores e vários números para as crianças repetirem. Exemplo: 2222222.... com pontinhos para cobrirem também. Essa atividade permaneceu durante todo o primeiro período. As crianças eram auxiliadas pela professora para cobrirem os pontinhos. Ela pegava na mão de cada um.

Pude observar nesse momento, que a atividade proposta era sem atrativo para as crianças, o que passava por despercebido ou ignorado pela professora. Na hora do lanche foi cantada a música “Meu lanchinho” e após o lanche, as crianças foram para o parque. Sobre essa “canção” Maffioletti (2011) faz uma importante contribuição:

Se o seu filho está na creche, prepare-se, ele vai cantar o mínimo de cento e oitenta vezes durante o ano, uma canção parecida com esta: “Meu lanchinho, meu lanchinho/Vou comer, vou comer/Pra ficar fortinho, pra ficar fortinho/E crescer! E crescer! (MAFFIOLETTI, 2001).

Esse é um importante referencial para o educador repensar sua postura e refletir sobre o verdadeiro papel da música e no desenvolvimento da musicalidade infantil.

No parque pude perceber, já que estava no terceiro dia de observação, que o “ritmo” das professoras era sempre o mesmo, não buscavam mediar nenhuma interação com as crianças, não eram propostas

nenhum tipo de atividade musical ou brincadeira direcionada, como pular corda ou brincar de coelhinho sai da toca, cobra cega, entre outras. Mas, embora as professoras não interagissem com as crianças mantinham-se sempre atentas buscando evitar que estas se machucassem, chamando a atenção diversas vezes para que tomassem cuidado.

Mas pude perceber que as crianças mesmo diante de tantas ponderações estavam se divertindo, se expressando de todas as formas, cantavam, corriam, pulavam, conversavam, choravam, sorriam; em duplas, em trios, em pequenos grupos e também aqueles que preferiam ficar sozinhos com sua própria brincadeira imaginária.

No retorno para a sala, como sempre, as crianças estavam agitadas e mesmo em meio a toda aquela agitação, a professora pediu para as crianças se sentarem e lembrou que o recreio já havia acabado. Essa turma se mostrou com menos dificuldade em se concentrar após o retorno do recreio e logo estavam calmos. A professora preparou todos em um mesmo grupo e distribuiu uma atividade de pintura. É importante ressaltar que as atividades que envolvem pintura chegam sempre prontas. A atividade ainda fazia referência ao numeral 2. Havia nela, o desenho de dois pinguins e à frente, o numeral dois em formato maior que o normal. Pude observar que ao meu lado direito, havia um menino que, ao realizar a tarefa cantarolava algo que ele estava criando naquele exato momento. Como ele estava bem próximo a mim, procurei “desfaçar” e escrevi a sua música em minhas anotações e com os ouvidos bem atentos eis a letra: *“Tam, tam, tam, a sorrir por ai”*... (pequena pausa) *“e eu faço o meu amigooo”*... (mais uma pausa) *“capi, capi, capi, hi, hi, hi, hi”*... *“pic, pic, pic, pega,... vou fazeeeee, ooooo meu noooomeeee”*, (essa frase ele melodiou assim que ouviu a professora lembrá-los de escrever o nome da tarefa).

Algumas palavras usadas por ele na melodia da música eram referentes às figuras que tinham no desenho, como por exemplo, crianças sorrindo, o “amigo” era a figura de um menino que ele estava pintando. A professora percebeu que ele cantarolava nesse momento e o deixou a vontade. A meu ver, essa foi uma postura sensata diante dessa vivência, não sei se consciente. É importante permitir esses momentos para a criança, pois são

momentos em que ela usa sua criatividade e expressividade para seu fazer musical. A atividade que a professora estava realizando foi até o final da aula.

Quarto dia de observação, em 14 de Novembro de 2013.

- Entrada: 7h30
- Saída: 11h
- Infantil I – Faixa etária: 4 e 5 anos
- Professora 2.
- Presentes 13 crianças

Depois de cumprimentar todas as crianças, a professora cantou a música “Bom dia” que parece fazer parte do repertório para marcar a chegada em sala e a introdução do início da aula, ou melhor, das tarefas, que logo foram distribuídas para as crianças. Nesse momento, pude perceber novamente, a insatisfação das crianças em meio a obrigação de realizar tal atividade, que se tratava de uma xerox de um desenho pronto, como o seguinte tema: “ Natureza e Sociedade”. Ao ouvir o tema lido pela professora, as crianças demonstravam falta de compreensão sobre o tema abordado. Mas a professora continuou explicando de forma sucinta sobre a importância do cuidado com o meio ambiente, citando exemplos de como as crianças poderiam contribuir como cidadãos, no cuidado com o meio ambiente e a cidade em que moram. Depois dessa breve explicação, as crianças começaram a colorir as figuras.

Na atividade havia figuras de araras, árvores, pássaros, nuvens, e todos os integrantes da turma da Mônica, em meio às outras figuras da natureza.

Essa atividade terminou um pouco antes do horário de servir o lanche. A professora deu uma olhada no relógio e sem me perguntar antecipadamente, deu a seguinte notícia para as crianças: *“agora, a tia Rosângela vai cantar algumas musiquinhas com vocês”*. Após ela dar a notícia, se deu conta que não havia me perguntado antes, olhou-me e indagou: *“tudo bem, pode ser?”* eu disse: *“sim, tudo bem”*. Perguntei a ela se poderíamos ir para a área externa e ela disse que sim. As crianças logo se levantaram e se direcionaram para lá. Iniciei pedindo para que todos fizessem uma roda, sentados no chão em círculo. Elas se olharam como se fosse proibido sentar

no chão ou por falta de costume. Então, eu me sentei e algumas crianças quiseram se sentar perto de mim, mas foram se acomodando sem maiores problemas.

A professora após sentar-se pediu ao restante das crianças para se sentarem. Iniciei perguntando o que eles mais gostavam de cantar e eles disseram que queriam que eu lhes ensinasse músicas novas, então eu perguntei se eles conheciam a música “O girassol e o cata-vento” com gestos, “Família de amor” com palmas e estalares de dedos e “A dona aranha” com gestos, mas com uma versão diferente da conhecida por eles, com a palavra corajosa e persistente ao invés de teimosa e desobediente no final. Nesse momento percebi que a professora se agradou da nova versão, sorrindo ao ouvir a frase. Em seguida pedi a eles que me ensinassem músicas também e nesse momento, eu percebi que eles cantam sim, bastante com a professora. Pude observar que essa é a única atividade musical desenvolvida com a turma e nem sempre todos os dias. Depois desse momento, eu perguntei quem gostaria de cantar uma música e alguns já disseram: “*eu quero*”. Um menino criou sua própria música e melodia. Ele quis parar quando ouvi de algumas crianças que ele nem sabia que estava inventando. Eu o incentivei a continuar.

A música imitava a que tínhamos cantado anteriormente “coruja”, mas ele conseguiu falar da coruja, mudar sua melodia e se mostrou desinibido para se expressar. Brito (2003), sobre essa vivência, ressalta a importância de desenvolver atividades que desenvolvam a expressividade musical das crianças da seguinte forma:

No dia a dia das creches e pré-escolas, a linguagem musical deve contemplar atividades como:

- Trabalho vocal;
- Interpretação e criação de canções;
- Brinquedos cantados e rítmicos;
- Jogos que reúnem som, movimento e dança;
- Jogos de improvisação;
- Sonorização de histórias;
- Elaboração e execução de arranjos (vocais e instrumentais);
- Invenções musicais (vocais e instrumentais);
- Construção de instrumentos e objetos sonoros;
- Registro e notação;
- Escuta sonora e musical: escuta atenta, apreciação musical;
- Reflexões sobre a produção e a escuta (BRITO, 2003, p.58).

Essa é um precioso momento para oferecer à criança a oportunidade de desenvolver sua musicalidade de criatividade. E também, contribuir para que ela tenha todas as possibilidades acima citadas em pleno desenvolvimento na Educação Infantil.

Depois desse momento, uma criança sugeriu a música “Borboletinha”, mas a professora falou que não, “*hoje não, gente*”. Mas eles mesmo assim começaram a cantar. Descobri o constrangimento da professora por causa do final da música, “*amanhã te dou um pau, lá na porta do hospital*”, depois disso eu perguntei a eles se gostariam de aprender uma nova versão. Então, cantamos novamente com o final: “*não é de pau, é de mingau*”. Eles sorriram ao ouvir a nova versão e pediram para cantarmos novamente e assim o fizemos. Nesse momento a rodinha de música precisou ser interrompida, pois o lanche já estava na sala. Eles não queriam ir lanche e foram contrariados. Após lavarem as mãos, cantaram a música “Meu lanchinho, meu lanchinho”, fizeram uma prece e em seguida ao agradecimento, o lanche foi servido.

Nesse dia estava frio e chuvoso e as professoras levaram as crianças para o salão da escola que é amplo. Alguns brinquedos começaram a chegar, bambolês, bolinhas, joguinhos de montar e foram sendo colocados no chão. As professoras ficavam sentadas conversando e as crianças brincando. Nesse momento, resolvi me aproximar da sala de onde que estavam vindo tais brinquedos e descobri que se tratava de uma brinquedoteca bem organizada, com tapete no chão e vários brinquedos e jogos disponíveis.

Perguntei a professora 2 porque ela não poderia ficar dentro da brinquedoteca com as crianças e ela me explicou que aquele não era o dia delas irem para lá e que cada professor tem o direito de ir apenas uma vez por semana. Nesse momento, pude observar que a relação entre as turmas é restrita. Não existe relação entre as crianças do maternal com as crianças do infantil.

Aproveitei a oportunidade e brinquei com algumas crianças com um bambolê pondo-o no braço (já que na cintura era impossível, pois são minúsculos). As crianças começaram a fazer o mesmo, se empolgando com a brincadeira e vinham até mim para mostrar. Algum tempo depois, a professora 2 até quis brincar com os alunos, colocando o bambolê no tornozelo e pulando.

Enquanto ela pulava, o bambolê girava no seu pé e as crianças vibraram com o acontecido. Eu disse a ela: *“fiz muito isso na minha infância e ela respondeu, que também o fez”*. Mas parou por ali mesmo, voltando e se sentar novamente para conversar com a outra professora.

Pude perceber que esse foi o dia em que as crianças mais se divertiram, movimentando-se e relacionando-se uns com os outros. Teve um momento que considero importante destacar, pois algumas meninas foram brincar na casinha e alguns meninos quiseram entrar as meninas ficaram muito irritadas e neste momento pude ouvir a seguinte frase de uma menina: *“sai daqui, você não é menina pra brincar de casinha”*, *“Oh, tia!”*.

Nos estudos de Carvalho, Beraldo, Santos e Ortega (1993), as diferenças de gênero como fruto das relações sociais predominantes, inerentes à transmissão de papéis sexuais oferecem uma importante ajuda no desenvolvimento infantil com suporte das brincadeiras diferenciadas para meninos e meninas. [...] As diferenças de gênero no brincar das crianças foram verificadas por diversos estudos. No estudo de Wanderlind et al (2006), essas diferenças são importantes na medida em que possibilitam que meninos e meninas desenvolvam-se de maneira diferenciada, adquirindo habilidades diversificadas e com isso, distinguindo seu papel de gênero de acordo com a sociedade e a cultura nas quais estão inseridos. Para Katz e Boswell (1986), o papel de gênero vem sendo caracterizado como um conjunto organizado de expectativas para comportamentos e atividades que são considerados apropriados e esperados pelos outros, tanto para homens como para mulheres, de uma determinada cultura. (QUARESMA, 2006, p. 7)

A situação foi ficando difícil, começou um empurra, empurra e mesmo estando apenas observando acabei fazendo uma intervenção, pois percebi que o quadro estava se agravando e poderia haver consequências. Comecei batendo na porta e dizendo *“toque, toque, tem alguém ai?”*. As crianças se olharam como se perguntassem: *“o que ela está fazendo aqui?”*. Então elas disseram que sim. Eu perguntei se ali era um restaurante, porque eu estava com muita fome. Elas disseram que sim. Então eu pedi que preparassem um sanduíche de queijo com um suco de acerola e pedissem ao garçom (o garoto que elas queriam fora da brincadeira) para me servir. E assim, a brincadeira fluiu, todos queriam me servir alguma coisa e apareceram vários garçons, garçonetes, cozinheiros e cozinheiras na brincadeira. Considero importante a interação entre meninos e meninas em qualquer tipo de

brincadeira, pois esse é um momento em que eles podem aprender e perceber que é normal conviver junto, independente de ser menino ou menina e que as brincadeiras são para todos.

Enquanto estava sentada esperando os “sanduíches”, pude perceber que se formaram pequenos grupos em brincadeiras diferenciadas: o grupo dos joguinhos de montar, o grupo dos bambolês, das bonecas, da casinha e dos carrinhos, em alguns tinham meninos e meninas e outros só meninos ou só meninas.

Logo tocou o sinal e todos tiveram que retornar para a sala, mas ajudaram as professoras a organizar os espaço e guardar os brinquedos contra a vontade deles. Acredito que para esse momento seria importante acrescentar mais meia hora, pois apenas meia hora é pouco para o desenvolvimento da criatividade, interatividade, coordenação, entre outros aspectos, uma vez que dentro de sala de aula, essa “liberdade” não existe, é entrar e sentar e permanecer assim até o final, mesmo quando cantam.

Na volta para a sala de aula, a professora avisou que sairia às dez horas para ir a prefeitura resolver um assunto pessoal, avisando que a diretora iria ficar com eles. Em seguida saiu da sala. Eu fiquei me perguntando naquele momento como ficariam as crianças, pois já havia se passado mais ou menos cinco minutos e nada da diretora chegar. As crianças começaram a ficar agitadas, então decidi convidá-los para fazermos uma brincadeira cantada e todos logo se interessaram. Pedi que se sentassem no chão em círculo e expliquei a brincadeira do “Senhor caçador”.

Enquanto brincávamos, a diretora entrou apressada e preocupada dizendo se sentir aliviada porque eu estava lá, comentando que estava precisando fazer e enviar um ofício, por isso demorou. Em seguida, me perguntou se eu poderia continuar com eles, até que ela concluísse o que estava fazendo, porque era muito importante. E prontamente o fiz. Quando ela retornou, nós já estávamos terminando. Ela trouxe consigo outra atividade para colorir (a bandeira do Brasil), colou na parede uma cópia colorida com as cores correspondentes e distribuiu a xerox para as crianças.

Nesse momento, pude perceber que essa atividade se tornou cansativa para a maioria. Uma criança de quatro anos, disse para a diretora que não queria pintar mais e que já tinha pintado muito naquele dia, pedindo-

lhe uma folha para fazer o seu próprio desenho. A resposta foi negativa e como motivo para tal atitude foi a falta da professora, pois apenas ela poderia “mexer no armário para pegar folhas” (o armário estava aberto e quem estava na sala era a diretora).

Após pintarem muito rapidamente ainda faltavam alguns minutos para a saída. A diretora deixou-os a vontade conversando uns com os outros e se movimentarem pela sala. Ainda faltando alguns minutos para a saída a diretora pediu para algumas crianças que estavam em pé para se sentarem e começou a cantar. Seu repertório foi: “Tem uma casinha bem fechada”, “A cobra não tem pé”, “Fui no mercado”, (as crianças fizeram os gestos sentadas, até mesmo na hora de mexer os joelhos e o bumbum), “O sapo não lava o pé”. Nesse momento, os pais começaram a chegar, a diretora parou de cantar e disse para todos esperarem quietinhos até seus pais chegarem. Eles começaram a organizar o material e tinha um bilhete para casa que também estava sendo entregue pela diretora. A aula se encerrou no horário previsto.

Foi importante discorrer todo o percurso da aula nesses dias observados para enfatizar que a música é pouco presente no contexto da Educação Infantil. E foi possível perceber, que mesmo com boa intenção, as atividades que envolveram a música se limitam ao canto, tanto pelas professoras quanto pela diretora, e seguem o mesmo padrão. A liberdade para dançar, pular, imitar os bichos, barulhar com a boca e com o corpo, entre outros, está longe de ser algo permitido. A preocupação está voltada com o “bom comportamento”, com a disciplina e com a ordem a ser mantida em sala de aula. Algo contrário ao que indica o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, pois um trabalho educativo:

[...] na área de música deve ser contínua, levando em consideração os processos vivenciados pelas crianças, resultado de um trabalho intencional do professor. Deverá construir-se em instrumento para a reorganização de objetos, conteúdos, procedimentos, atividades, e como forma de acompanhar e conhecer cada criança e grupo (BRASIL, 1998, p.76).

Brito (2003) continua:

A criança é um ser “brincante”, e, brincando faz música, pois assim se relaciona com o mundo que descobre a cada dia. Fazendo música,

ela, metaforicamente, “transforma-se em sons”, num permanente exercício: receptiva e curiosa, a criança pesquisa materiais sonoros, “descobre instrumentos”, inventa e imita motivos melódicos e rítmicos e ouve com prazer a música de todos os povos (BRITO, 2003, p. 35).

Essa precisa ser a postura do educador, em contínua ação-reflexão sobre o seu trabalho intencional com as crianças da educação infantil em relação à música.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de descobrir a música poder senti-la e percebê-la em todos os momentos da vida aumentaram ainda mais meu interesse em continuar pesquisando o universo musical enquanto pedagoga. Acredito que essa foi uma chance que a vida me deu para continuar fazendo música com crianças, relacionando-me com elas, criando e oportunizando momentos para desenvolver o ser musical que existe em cada criança antes mesmo de chegar à escola, antes mesmo de nascer.

A realização dessa pesquisa contribui para perceber o quanto ainda existem alguns equívocos em relação ao trabalho educativo que precisa ser realizado com as crianças em relação ao desenvolvimento do seu ser musical.

Ter o prazer de sentir, perceber e fazer música, ainda é um longo caminho a ser percorrido, não apenas pela criança, mas também, pelo professor, que ainda não se despertou para a grande importância da música.

É preciso buscar inovar, inserir e se permitir relacionar com as crianças, fazendo e interpretando a música em seus vários e preciosos momentos, sem hora e sem lugar determinado, com e sem definição, com ou sem entonação, com ou sem instrumento, para quê? Para que possamos começar pelo que já possuímos – o nosso próprio corpo, a nossa própria voz e, assim, o desenvolvimento do nosso ser musical.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. MEC/SEF, 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em 15 de nov. 2013

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. V.3.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na Educação Infantil: propostas para a formação integral da criança**. São Paulo. Peirópolis, 2003.

COSTA, Sabrina Pontes, **A importância dos jogos e brincadeiras para o desenvolvimento motor, cognitivo e sócio-afetivo na Educação infantil**. Apresentação de monografia à Universidade Candido Mendes como requisito parcial para obtenção do grau de especialista em Psicomotricidade. Niterói, RJ, 2007.

DINIZ, Lélia Negrine; DELBEN, Luciana. Música na Educação Infantil: um mapeamento das praticas e necessidades de professoras da rede municipal de ensino de Porto Alegre. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 15, 27-37, set. 2006.

FERNANDES, Carla Toneli et. al., **Formação de professores e o estágio supervisionado: um problema real nas escolas de ensino básico de São José Dos Campos**, SP., XIII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica eIX Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba, 2009.

MAFFIOLETTI, Leda de Albuquerque. Práticas musicais na Educação Infantil. In: CRAIDY, Carmem Maria e KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva (org.). **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2011, p. 123-134.

PEDERIVA, Patrícia Lima Martins. A escolarização da atividade musical. . In: TUNES, Elizabeth (org.). **Sem escola, Sem documento**. Rio de Janeiro: E-papers, 2011, p.71-83.

_____. **A atividade musical e a consciência da particularidade**. Tese de Doutorado em Educação. Brasília, FE, UnB: 2009.

PERROTTI, Edimir. A criança e a produção cultural. In: ZILBERMAM, Regina (org.) **A produção cultural para a criança**. POA: Mercado Aberto, 1990: 09-27.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. "Mas as crianças gostam!" Que sobre gostos e repertórios musicais. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda e LETTE, Maria Isabel. **Arte, Infância e formação de professores: Autoria e Transgressão**. Campinas: Papirus, 2004, p. 41-59.

Educação Infantil: Saberes e fazeres da formação de professores. Campinas, SP: Papirus, 2008. (Coleção Ágere) 4ª edição.

QUARESMA, Priscilla Mayara de Andrade, **A relação entre o brincar e o desenvolvimento infantil, segundo professoras**. Disponível em:<<http://www.abpp.com.br/artigos/110.pdf>>. Acesso em 29/12/2013

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Imaginação e criança na infância**. São Paulo: Ática, 2009.

ANEXO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Estamos desenvolvendo uma pesquisa intitulada “música na Educação Infantil” e gostaríamos de contar com a sua colaboração, necessitando de um período de dois (2) dias de observação na Instituição onde trabalha. Assim, caso queira participar desta pesquisa, assine este termo no local abaixo reservado.

A sua colaboração é de extrema importância e nos permitirá conhecer como os professores concebem o desenvolvimento de atividades musicais na educação infantil. Ressaltamos ainda que a pesquisa manterá o sigilo do seu nome, além de outros cuidados que regem a ética profissional relacionada às pesquisas com seres humanos.

Agradecemos antecipadamente a sua participação e compreensão para efetivar este trabalho.

Atenciosamente,

Srs. Professores,

Rosângela Martins Saraiva

Matrícula UnB: 0871222

Escola: _____ Turma: _____

Nome Professor: _____

Endereço eletrônico (caso queira receber o resultado da pesquisa):

RG. _____ Órgão Emissor _____

Assinatura do Professor
